
Sem alarmes, sem surpresas – fertilizar, fermentar, reagir e metamorfosear o pensamento de Bruno Latour

No alarms, no surprises – fertilising, fermenting, reflecting on and metamorphosing the thinking of Bruno Latour.

Marisol Marini



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/13705>

DOI: 10.4000/pontourbe.13705

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Refêrencia eletrónica

Marisol Marini, «Sem alarmes, sem surpresas – fertilizar, fermentar, reagir e metamorfosear o pensamento de Bruno Latour», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 25 janeiro 2023, consultado o 07 fevereiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/13705> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.13705>

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 fevereiro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Sem alarmes, sem surpresas – fertilizar, fermentar, reagir e metamorfosear o pensamento de Bruno Latour¹

No alarms, no surprises - fertilising, fermenting, reflecting on and metamorphosing the thinking of Bruno Latour.

Marisol Marini

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 26/10/2022 / Original Version 20/10/2022

Aceitação / Accepted 05/12/2022

- 1 Teria sido diferente escrever sobre as contribuições de Bruno Latour até há algumas poucas semanas. Os mortos reagem?² É certo que suas contribuições e pensamentos podem persistir, podemos fazer os livros e ideias dos mortos falarem outras línguas e responderem novas questões, abrirem novos caminhos inesperados. Mas há um efeito distinto em invocar o pensamento de alguém que perdeu sua autonomia relativa de fala em seus emaranhados comunicativos. Isso traz um senso de responsabilidade distinto. Também seria diferente escrever sobre as ideias de alguém cuja matéria desintegrada encontra-se extinta. Há ainda uma latência nessa metamorfose irreversível.
- 2 O primeiro pensamento que me tomou quando soube que Latour tinha morrido foi: as ciências sociais ficarão mais solitárias para pensar e atuar frente ao novo regime climático, em face às complexas problemáticas que nos atravessam e nos desafiam – analítica e politicamente. O consolo surgiu da lembrança de que sua extensa e prolífica obra nos deixa trilhas a serem abertas e ferramentas cruciais a serem exploradas.

- 3 O anúncio de sua morte nos encontrou quando, por aqui, ainda tentávamos digerir o resultado do primeiro turno das eleições, que nos levaria a um segundo turno disputado entre Lula e Jair Bolsonaro em algumas semanas. Será que Latour teve notícias do resultado do primeiro turno das eleições no Brasil e se preocupou com a tragédia de uma possível reeleição de Jair Bolsonaro e do que isso poderia significar para o futuro das florestas e dos povos que as habitam e as mantém em pé? Ou será que nos seus dias finais Latour já se encontrava “desaterrando-se”? Como será que foi “desaterrar”, após um processo de aterramento intenso? E, arrisco dizer, em algum nível involuntário, promovido pela pandemia, mas também pelo processo de adoecimento e da presença da morte o rondando.
- 4 “No point hurrying, there’s still a bit of time left to find a place to nest”³ (2021b, p.7), sugere Latour em *After Lockdown: A Metamorphosis*, publicado em setembro de 2021⁴ – livro escrito possivelmente enquanto ele atravessava um tratamento contra um câncer. Depois de se perguntar sobre lugares e modos de aterrar, no momento seguinte Latour coloca-se aterrando e enfrentando os desafios incontornáveis: “(...) houve de fato uma metamorfose e não parece ser possível voltar atrás, acordando desse pesadelo.” (2021, p. 3).
- 5 Em seu tratado pós-pandêmico Latour recorre a um recurso imagético e imaginativo, evocando *A Metamorphose*, de Franz Kafka. Para aqueles que foram confinados pela tragédia recente, de grande escala, que explicitou para os desavisados os riscos e desafios que as mudanças climáticas nos trarão, e que distribuiu universalmente, em alguma medida, as ameaças, expropriações e privações que a empreitada colonial historicamente tem empreendido, como atentar às transformações? A versão em inglês destaca no título o processo kafkaniano de transformação com o qual Latour abre sua narrativa e que o inspira ao longo das páginas em que ele aproxima o confinamento decorrente da pandemia de Covid-19 à condição de terrenos, confinados à Terra e à inescapabilidade das crises políticas e climáticas. Valendo-se da metáfora da metamorfose em inseto, situado, aterrado, encarando o fato de que não é possível voltar à humanidade prévia ao confinamento⁵, Latour ensaia transformações. Elas são acima de tudo corporais. Delas decorrem novas relações com o entorno. Gregor Sansa, personagem de Kafka, é revisitado para fabular sobre a metamorfose em insetos de variados tipos, como os cupins, que deveriam ser nossos modelos, dada a relação que estabelecem com o “entorno” que os compõem:
- O cupim está confinado: trata-se, sem dúvida, de um modelo de confinamento, não há como negar; ele nunca sai! Exceto pelo fato de que é ele quem constrói o cupinzeiro, mascando torrão após torrão. Dessa maneira, ele pode ir a qualquer lugar, mas sob a condição de estender seu cupinzeiro um pouco mais longe. O cupim se envelopa em seu cupinzeiro, enrola-se nele, que é, ao mesmo tempo, seu meio interior e sua maneira própria de ter um exterior; ele é seu corpo prolongado (Latour, 2021, p. 3)
- 6 É preciso ler o conto de Kafka de uma nova maneira, sugere Latour:
- Você não está mais no seu antigo quarto, Gregor, mas pode ir a qualquer lugar. Por que continuaria a se esconder de vergonha? Você escapou, então siga em frente, e nos ensine como viver assim!
- Com suas antenas, suas articulações, suas emissões, seus dejetos, suas mandíbulas, suas próteses, você pode, enfim, se tornar um humano! E não são seus pais, aqueles que batem à sua porta inquietos e horrorizados, e até mesmo sua brava irmã Grete que se tornaram inumanos ao recusar o devir-inseto deles? Pois são eles que devem

se sentir mal, não você. Não são eles que se metamorfosearam, que a crise climática e a pandemia transformaram em “monstros”? Tínhamos lido o romance de Kafka de forma invertida. Hoje, recolocado sobre suas seis patas peludas, Gregor enfim andaria propriamente e poderia nos ensinar a sair do confinamento. (Latour, 2021, p.4-5)

- 7 Ao longo da narrativa Latour oscila entre assumir a primeira pessoa do singular, a primeira do plural – produzindo um coletivo fluido e instável, que inclui aqueles que precisam e enfrentam o desafio de lidar com a inevitabilidade das transformações, os desafios e riscos postos pelas mudanças climáticas. Propõe esse enfrentamento em oposição aos escapistas, como Elon Musk e Donald Trump, que vislumbram uma fuga para um outro planeta, para um fora que sequer existe. E ao mesmo tempo, Latour parece se identificar e se projetar no personagem de Kafka, cujas habilidades e devir inseto são reconhecidas como estrategicamente pertinentes, apresentam-se como ferramentas. A identificação com o personagem, a corporificação de suas metamorfoses, é o modo engajado de Latour de elaborar suas transformações:

Ao acordar, começo a sentir os tormentos sofridos pelo herói de Kafka em seu romance *A metamorfose*, o qual, durante o sono, transformou-se em barata, caranguejo ou besouro. Da noite para o dia, o personagem se vê apavorado por não poder acordar como antes para ir trabalhar. Esconde-se debaixo da cama ao escutar o chamado de sua irmã, dos seus pais, e de seu chefe quando batem à porta de seu quarto, cuidadosamente trancada à chave. Ele não consegue se levantar: suas costas estão duras como couraça. Precisa aprender a disciplinar suas patas ou pinças, que se movem em todos os sentidos. Aos poucos, percebe que ninguém mais entende o que diz. Seu corpo mudou de tamanho: sente que tornou-se um “inseto monstruoso” (Latour, 2021, p. 2).

- 8 A que transformações tão radicais Latour estaria se referindo?
- 9 Quero dizer, o próprio Latour sugere na sequência da narrativa uma certa perda da inocência, a lembrança de um tempo em que podia carregar consigo seu próprio corpo, sem o peso do seu modo de vida poluente. Não é a pandemia que inaugura a consciência dos constrangimentos operados pela crise climática, mas ela agrava, na medida em que torna seu próprio corpo um micro agente mortífero:

(...) Ainda me lembro de que, antes, podia me deslocar inocentemente carregando meu corpo comigo. Agora sinto que devo suportar nas costas, com muito esforço, um longo rastro de CO₂ que me impede de pegar um avião e que constrange todos os meus movimentos, tanto que mal me atrevo a digitar em meu teclado por medo de fazer derreter uma geleira distante. Mas tudo está pior desde janeiro de 2020 porque, como se aquilo tudo não bastasse, toda hora sou lembrado de que minha boca pode emitir uma nuvem de aerossóis cujas gotículas finas transmitem vírus minúsculos que alcançam os pulmões e podem matar meus vizinhos (Latour, 2021, p.2).

- 10 Não haveria ainda, em seu caso, uma transformação de outra ordem? Será que a proximidade da morte do eu e do fim do mundo colidiram nesse momento em sua obra? Não caberia nos perguntarmos se a sugestão de aceitar e reafirmar a metamorfose estaria atravessada pela sua proximidade e intimidade com o fim iminente? Não se trata de resignação, deserção ou abandono, mas também não inconformismo. E se estamos todos, em certa medida, ameaçados pelo fim, Latour tem razão em nos sugerir aceitarmos nossos novos corpos?
- 11 Aterrado⁶, Latour só tinha olhos (e tempo) para o alinhamento entre a problemática da justiça social e da crise ecológica.⁷

- 12 *****
- 13 Eis uma amostra do pensamento criativo de Latour, intelectual que se vale de metáforas, associações inusitadas, relações pouco usuais, que explorou linguagens buscando melhor comunicar e desenvolver seus pensamentos. Criador de imagens como o monstro Cosmocosso, meio ciclone, meio Leviatã, obsessão que atormentou Latour e o fez mobilizar a criação de uma dança e uma peça de teatro. Experimentações linguísticas e conceituais que se desdobraram em desenvolvimentos intelectuais.
- 14 Pensar/filosofar com personagens da literatura, fabular diálogos imaginários, propor simetriações como tratar o laboratório como uma cultura distante – essas foram algumas das estratégias acionadas por Latour, que possivelmente renderam-lhe o reconhecimento de pensador criativo⁸. O sociólogo Richard Sennett o descreveu como o intelectual mais criativo da sua geração. Seus interesses díspares e o modo como polinizou ideias em campos distintos despertou admiração, controvérsias e críticas. Criativo, prolífico, provocativo, incômodo e incompreendido.⁹ Destacar esses adjetivos a ele atribuídos não tem como intuito traçar um perfil psicológico de um gênio excepcional. Mas esses termos são indicativos dos efeitos de sua atuação, do alcance de suas obras, do seu papel político dentro e fora da academia.
- 15 Ora nomeado e autointitulado antropólogo, ora filósofo, ora sociólogo, mais recentemente Latour fora reconhecido como pensador ecológico, da filosofia da natureza ou de ecologia política. Sua obra é extensa e diversa. O escopo dos temas elaborados e a amplitude das disciplinas articuladas são amplos. Mas há um eixo em torno do qual ele os articula: a problemática da modernidade.
- 16 Um pensador da modernidade, dos seus dualismos fundantes, que se metamorfoseou em pensador da ecologia, de Gaia, da Natureza. Movendo-se para os grandes temas que ocupavam as preocupações caras à ciência e à democracia relativas à problemática climática, Latour extrapola a abordagem etnográfica de laboratório seguindo com sua questão em torno da modernidade. Mas até o fim, Latour reafirmou: “Eu sou antropólogo dos modernos. O aspecto terapêutico do meu trabalho está direcionado aos modernos. Terapêutico porque a ideia é de “tratar” os modernos. Eles realmente precisam muito” (Pereira et al, 2021, p.105).¹⁰
- 17 Uma recorrência em seu argumento, desde *Jamais Fomos Modernos*, é evidenciar a natureza da “Natureza”, sua realidade como produto de atividade imanente – humana e não-humana. Não há natureza fora de laboratório, afirmação reiterada de diferentes formas desde a sua investigação inaugural no instituto Salk onde realizou o empreendimento etnográfico que dá corpo ao “Vida de laboratório”.
- 18 Interessado nas práticas científicas, na ciência em ação, na descrição dos modos de estabilização (ou não) da ciência, atento aos modos de construção de fatos científicos por uma comunidade, desde seus empreendimentos iniciais Latour reivindica a composição entre elementos técnicos e sociais:
- “Os fatos científicos são construídos, mas não podem ser reduzidos ao social, porque ele está povoado por objetos mobilizados para construí-lo. O agente desta dupla construção provém de um conjunto de práticas que a noção de desconstrução capta da pior forma possível. O buraco de ozônio é por demais social e por demais narrado para ser realmente natural; as estratégias das firmas e dos chefes de Estado, demasiado cheias de reações químicas para serem reduzidas ao poder e ao interesse; o discurso da ecossfera, por demais real e social para ser reduzido a efeitos de sentido. Será nossa culpa se as redes são ao mesmo tempo reais como a natureza, narradas como o discurso, coletivas como a sociedade?” (Latour, 1994, p. 12)

- 19 Tal entendimento traz consequências para os arranjos entre ciência e política que ele buscou iluminar. E a repercussão de suas abordagens o levou a ajustar e aprimorar os termos do debate. Algo também digno de destaque: Latour não se furtou de rever, repensar, reformular e desenvolver suas ideias e conceitos, ainda que dentro do que entendia ser a sua própria pauta.¹¹ Para ele: “os conceitos são conceitos em ação. Eu sou pragmata: a questão é saber se os conceitos fazem ou não diferença na análise de um corpus. (Pereira et al, 2021, p.101)
- 20 Sua produção e produtividade está intimamente associada à circulação e repercussão dos seus trabalhos. Era como se as críticas lhe servissem como um poderoso motor.¹² Ter recebido abertura, ainda que com desconfiança, um certo interesse despertado pelo seu trabalho, foi um propulsor do seu pensamento. Ter sido acolhido em campos e disciplinas diversas parece ter só aumentado a sua fome e ímpeto devorador (ou canibalizador) de outras áreas de conhecimento.
- 21 Fazer jus à grandeza do seu pensamento e da sua obra, composta por mais de 20 livros e dezenas de artigos, performances teatrais e exposições de arte, requer reconhecer que Latour sempre esteve bem acompanhado. Michel Callon e John Law foram alguns dos seus principais interlocutores na formulação da teoria ator-rede; junto com colegas, alunas e alunos no Centro de Sociologia da Inovação da École des Mines de Paris, onde lecionou de 1982 a 2006; e posteriormente na Sciences Po em Paris, onde foi professor de 2006 até sua aposentadoria em 2017 e a partir de onde disseminou suas cartografias de controvérsias sociotécnicas em universidades ao redor do mundo, especialmente com colegas como Tommaso Venturini. David Bloor, Steven Shapin e Simon Schaffer, Trevor Pinch, Karin Knorr-Cetina, Harry Collins, Elizabeth Eisenstein, entre outros, estavam juntos comprometidos com estudos de laboratório e de história da ciência, representando parte de uma nova paisagem dos estudos sociais da ciência e tecnologia, assim como Steve Woolgar, com quem compartilhou a trabalho etnográfico que rendeu o *Vida de Laboratório*, como veremos adiante; Donna Haraway, Philippe Descola, Eduardo Viveiros de Castro são alguns dos nomes da antropologia que fertilizaram com ele estudos pós-humanos; Ou ainda, sob outro enquadramento, Philippe Descola e Eduardo Viveiros de Castro foram seus parceiros na elaboração de uma virada ontológica, colocando em cheque a divisão entre natureza e cultura instituída no pensamento antropológico¹³; Inicialmente com Donna Haraway, Anna Tsing, e depois diversos outros nomes se somaram, na fermentação de elaborações sobre o Antropoceno. Com Isabelle Stengers Latour empreendeu esforços na produção de novos imaginários e possibilidades para as ciências modernas: uma nova natureza da política e uma nova política da natureza, como sugere o conceito de cosmopolítica de Stengers, do qual Latour é tributário. São abordagens que procuram apontar para novas possibilidades de fazer ciência, na qual a política se faz presente e estão ambas constituindo-se reciprocamente (não havendo natureza e política prematuramente formadas).
- 22 Um pensador que conciliou robustez e liberdade, produtor de narrativas que alternar entre estados sólidos e metamórficos, que trouxe movimento e fluidez, combinou reagentes alquimicamente, trazendo efervescência às ciências sociais.
- 23 Desde os trabalhos inaugurais, Latour agitou o edifício científico e trouxe novos problemas e abordagens para a relação entre ciência e política, natureza e cultura, propondo reformulações de conceitos clássicos e caros, como o de sociedade. Em sua proposição é gestada especialmente uma Antropologia (simétrica) da modernidade. Eis sua principal pauta: uma investigação dos modernos, sobre a modernidade, voltada a

estudar antropológicamente o que é tomado como o natural e o social. Tal empreendimento parte inicialmente dos seus estudos etnográficos de laboratório, que oferecem perspectivas inovadoras.

- 24 Para dimensionar suas contribuições e mapear o cenário do qual fez parte, cabe destacar que a emergência histórica dos estudos da ciência¹⁴ ocorreu na segunda metade do século XIX, influenciado por filósofos que se depararam com a problemática da construção, sustentação e transformação do conhecimento. Primeiramente tratados a partir de uma perspectiva filosófica, no século XX perspectivas sociológicas e historiográficas ofereceram novos tratamentos para a investigação da dinâmica do conhecimento, tendo como um dos seus representantes o trabalho de Ludwik Fleck.
- 25 Entre os anos 1940 e 1960 autores influenciados por abordagens marxistas consolidam os estudos da ciência, abordagem representada por Robert Merton. Nas décadas de 1950 e 1960, as investigações se caracterizaram pelo estudo da estrutura, mudanças e organização da comunidade científica, da cientometria e do papel dos cientistas na sociedade. A instituição científica era o mote de tais estudos e era consenso a alegação de que à sociologia não cabia o estudo do conteúdo do conhecimento gerado.
- 26 É no final da década de 1970 que surgem novas abordagens, com novos interesses, a respeito da determinação do conteúdo do conhecimento científico, o que se convencionou chamar de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT). Destaca-se a escola associada à Robert Merton, cuja abordagem fundamentava-se nas normas e valores de conduta da comunidade científica, centrando-se nas formas de organização e autonomia, grau de institucionalização, desempenho e manutenção do papel do cientista. ¹⁵Outra abordagem de destaque é conhecida como Programa Forte em Sociologia do Conhecimento, associada à David Bloor, que deu origem à sociologia da Tradução, que apresenta o conceito de simetria que será desenvolvido.¹⁶ Latour traça uma genealogia da noção de tradução que remonta à obra de Michel Serres, conceito utilizado primeiramente por Callon, reformulado e transformado por eles, decorrendo na teoria ator-rede.
- 27 A simetria analítica entre humanos e não-humanos nos processos sociotécnicos na obra de Latour desdobra-se no conceito de actante, e mais tarde, se soma à proposição da teoria ator-rede. Intrinsecamente relacionado ao fazer etnográfico, à disposição metodológica de adentrar os laboratórios e recintos de produção de conhecimento científico – tanto no presente como em seus estudos mais historiográficos – a abordagem de Latour permitiu uma descrição do mundo não baseada em uma perspectiva radicalmente antropocêntrica. Sua proposição possibilitou refletir sobre o conhecimento científico a partir da práxis cotidiana, por isso pode ser nomeada como virada para a prática, desvelando o enovelamento entre atores ou actantes diversos, promovendo uma reavaliação e reconceitualização, entre outras coisas, dos pressupostos sobre agência.
- 28 Se suas proposições (em diálogo com seus colegas) promoveram contribuições, ruídos e desestabilizações nos estudos da ciência focados na análise das instituições, dos determinantes sociais ou ainda nos imperativos morais que diziam respeito à uma comunidade científica, com sua etnografia de laboratório Latour também, a um só tempo, traz ruído e inovação à antropologia. Suas problemáticas e desenvolvimentos antropológicos confluem com as elaborações pós-estruturais em pleno desenvolvimento, e por isso seu trabalho encontra grande ressonância no Brasil, reverberando temáticas que estavam postas no perspectivismo ameríndio.

- 29 Com a perspectiva etnográfica o laboratório se torna o local privilegiado para o estudo da ciência em ação, iluminando práticas e execuções rotineiras, aprendizados formais e informais envolvidos na prática científica, que implicam uma ativa e íntima vinculação com substâncias, seres vivos, moléculas, proteínas, compostos químicos e artefatos técnicos. Numa verdadeira socialização com entes não-humanos. O trabalho inaugural de Latour – no qual ele também não estava sozinho, escrito em parceria com Steve Woolgar – é marcado pela linguagem crítica e provocativa também característica do seu trabalho. Tem uma citação recorrentemente reproduzida que considero bem emblemática do furacão incômodo que ele traz à antropologia:

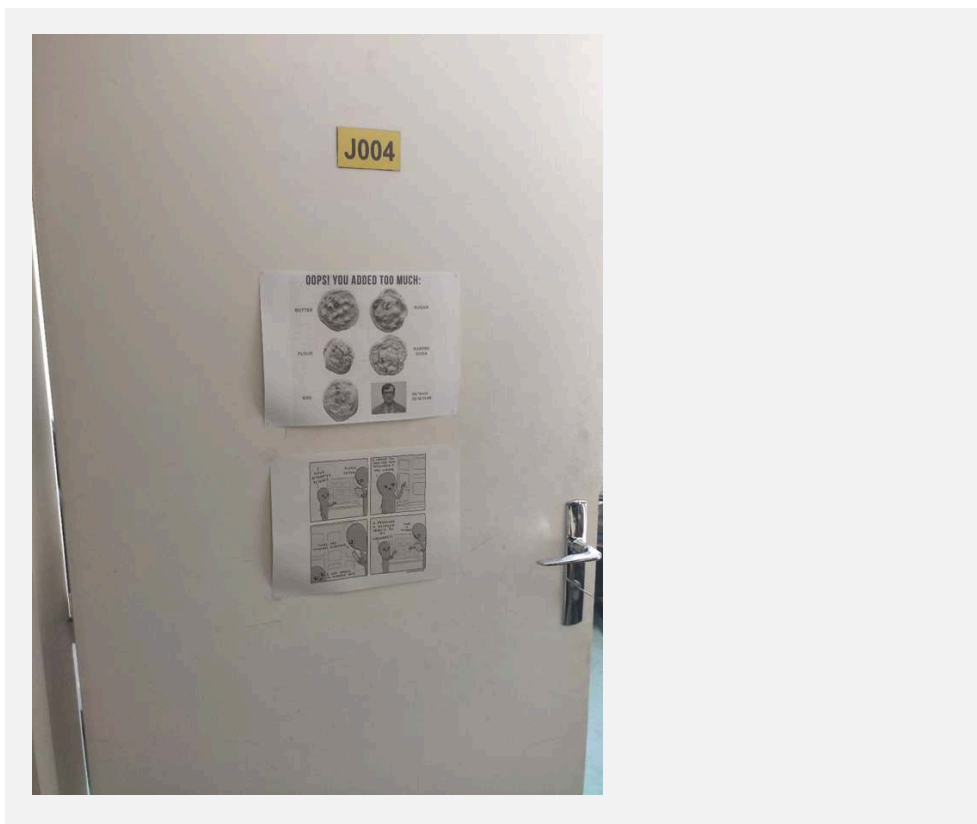
Centenas de etnólogos visitaram todas as tribos imagináveis, penetraram florestas profundas, repertoriaram os costumes mais exóticos, fotografaram e documentaram as relações familiares ou os cultos mais complexos. E, no entanto, nossa indústria, nossa técnica, nossa ciência, nossa administração permanecem bem pouco estudadas. Expulsos do campo na África, na América Latina ou na Ásia, os etnólogos só se sentem capazes de estudar, em nossas sociedades, o que é mais parecido com os campos que acabavam de deixar: as artes e tradições populares, a bruxaria, as representações simbólicas, os camponeses, os marginais de todos os tipos, os guetos. É com temor e escrúpulo que avançam em nossas cidades. Chegando ao cerne delas, estudam a sociabilidade dos habitantes, mas não analisam as coisas feitas pelos urbanistas, pelos engenheiros do metrô ou pela câmara municipal; quando penetram de salto alto em uma fábrica, estudam os operários, que ainda se parecem um pouco com os pobres exóticos e mudos que os etnólogos têm o hábito de sufocar sob seus comentários, mas não os engenheiros e patrões. (...) Ciência da periferia, a antropologia não sabe voltar-se para o centro. Latour & Woolgar, 1997, p.17-18)

- 30 Haja habilidade criativa para trair o tédio das atividades cotidianas de laboratório. Haja estratégia descritiva para pormenorizar os meandros da produção científica, como encontramos nas análises meticulosas empreendidas no capítulo 3, dedicado à construção de um fato científico. Curiosamente, seu mergulho etnográfico parece ter permitido análises robustas que se destacam ao material etnográfico.
- 31 Cenas cotidianas são descritas como acontecimentos insólitos: uma secretária que entra na sala com um papel na mão, um pesquisador mastigando uma maçã, o silêncio, um telefone que toca, alguém que entra e pergunta: "Quando você prepara a intravenosa com morfina, a solução é salina ou só com água?" (Latour & Woolgar, 1994, p.9) – cenas com as quais os autores abrem o livro. Estratégia narrativa que revela o que há de mais comecinho na produção científica.
- 32 O foco da atenção localizada na atividade laboratorial o permitiu evidenciar que “um experimento é um ato realizado pelo cientista para que o não-humano apareça por si mesmo” (LATOURE, 2001,p.151). Desse modo, quanto mais o cientista desenvolve o procedimento, quanto mais Pasteur trabalhava, sugere Latour, mais independente se tornava o ente que ele manipulava. “Pasteur age para que a levedura aja sozinha” (LATOURE, 2001, p.151).
- 33 Considerar a agência de não-humanos coloca em questão o que é agência e o que significa dizer que não-humanos agem (Sayes, 2014). Na teoria ator-rede, o entendimento é que só é possível isolar, tratar a agência de um não-humano particular, como algo apartado das relações, se ignorarmos os emaranhados de humanos e não-humanos que agem e fazem agir. Não faz sentido falar em agência de não-humanos, porque o que interessa é justamente descrever as imbricações, como se (co)produzem, e produzem efeitos.

- 34 A perspectiva etnográfica permite, portanto, redistribuir as ações, a agência¹⁷, evidenciando que a materialidade e os discursos são instâncias indissociáveis.
- 35 Além da redistribuição da agência, há uma reconceitualização dos entes que participam da ação, estrategicamente agrupados na terminologia não-humanos. Mas o termo é empregado criticamente, uma vez que operar com tal categoria genérica pode repor a divisão “nós” e “eles” e reificar a redução que esses esquemas podem produzir. Além disso, o termo pode repor a centralidade do humano e seu excepcionalismo, o que exige cuidado e atenção em seu emprego.
- 36 A categoria não-humano, no entanto, responde à insatisfação com o uso de “objeto” na tradição filosófica, direta e automaticamente oposto a sujeito, tratados de forma radicalmente distintos. Assim, não-humano é utilizado como um guarda-chuva para denotar entidades diversas como animais, fenômenos da natureza, artefatos, textos e etc. O termo também pode ser distinguido de outros que são usados para sinalizar uma insatisfação semelhante, como ator e actante.
- 37 Actante é utilizado por Latour como estratégia para escapar da ideia de ator comumente associada exclusivamente a humanos, a menos que ator seja tomado no sentido da atribuição daquilo que se faz: “(...) ao invés de começar com entidades que já compõem o mundo, os estudos científicos enfatizam a natureza complexa e controversa do que seja, para um ator, chegar à existência. O segredo é definir o ator com base naquilo que ele faz (...)” (Latour, 2001, p. 346).
- 38 Assim, o trabalho de Latour participa do desenvolvimento das perspectivas pós-estruturais na antropologia e contribui para a consolidação de um campo emergente dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, cuja inovação está em voltar-se para o funcionamento interno da ciência e da tecnologia, olhando para além das variáveis estruturais, revelando conexões insuspeitadas entre poder e conhecimento. Além disso, as representações do mundo pela ciência são tomadas como produto imanente de trabalho social: não há natureza fora de laboratório, instituída, dada, pronta ou anterior aos arranjos que as compõem e estabilizam (ainda que provisoriamente).¹⁸
- 39 No desenvolvimento de sua obra, abundaram novas terminologias, o que levou Latour à estratégia didática de produzir glossários para ajudar a navegar por suas elaborações repletas de novidades. Associação, coletivo, contexto, evento, existência relativa, fenômenos, híbrido, historicidade, intermediário, mediação, caixa preta, rede, referência circulante, referente, substância e translação é uma pequena amostra de seu campo conceitual. Tal vocabulário, o esforço de formulação de um léxico próprio para sustentar suas proposições teóricas, se por um lado é justificado ou é resultado do empenho de produzir análises que não operam com a matriz de oposição Natureza e Cultura – o que teria, em seu argumento, exigido uma reformulação radical de termos – por outro lado revelam um maneirismo ou mesmo uma extravagância que conferirá certo excepcionalismo à sua obra.
- 40 Consideremos a diferença entre a sua postura – a proliferação desenfreada de termos que ganham autonomia em sua obra – e a criação justificada de termos que produzem relação com uma categoria ou ecologia de reflexões existentes.¹⁹ Sugiro, para tanto, pensarmos na criação do termo *enact* por Annemarie Mol. A teórica feminista sugere em entrevista, quando questionada sobre os sentidos de encenação, de fazer existir, da emergência de objetos articulada à atuação e às práticas que os constituem:
- Não há muita diferença entre a maneira que eu uso *to enact* (atuar, instituir, implementar, ocasionar) e a maneira que Judith Butler usa *performance* para

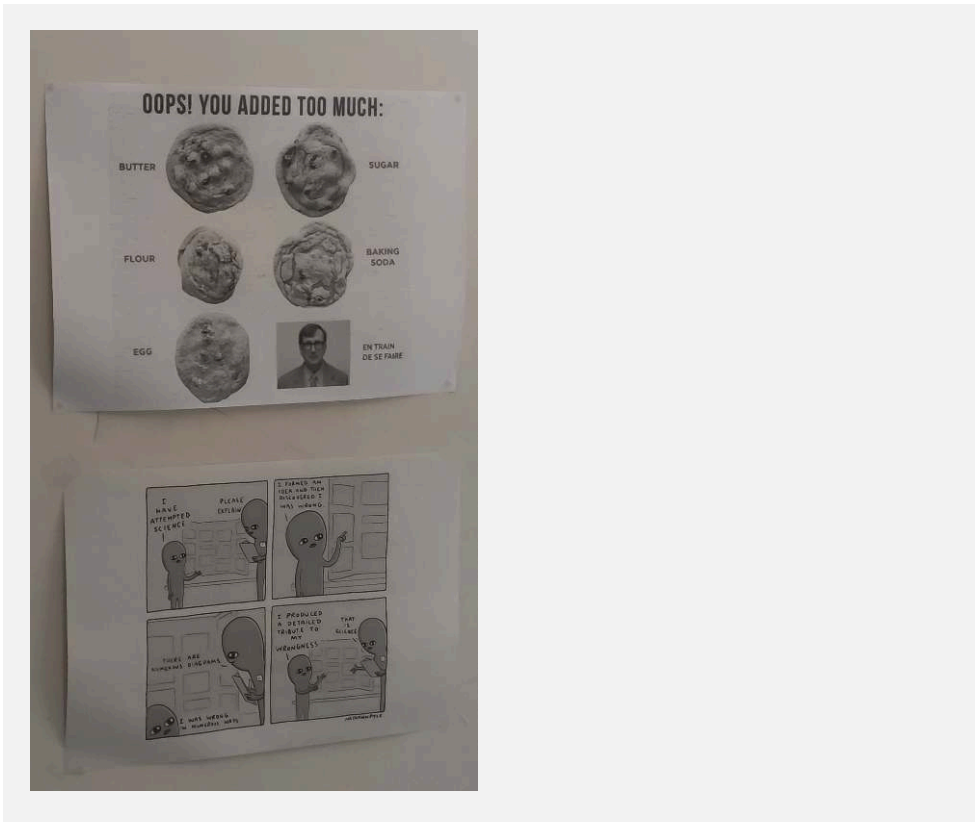
escrever sobre a realidade. Performance tem um contexto histórico em que há uma realidade “verdadeira” detrás da cortina onde a realidade é performatizada. Butler não pensa que há um bastidor atrás do palco, mas alguns dos meus críticos pensaram isso. Essa é uma das razões porque eu não usei o termo. Eu queria evitar essa conotação. (MARTIN et al, 2018, p. 297).

- 41 Mol arriscou utilizar uma categoria cara ao pensamento feminista. Mas diante das limitações ou confusões que tal uso poderia produzir, criou uma nova maneira de nomear os fenômenos que buscava descrever. Sua criação, no entanto, não recusa o parentesco com debates que foram fundamentais para o seu pensamento.
- 42 São inúmeros os apontamentos a propósito da semelhança de alguns dos conceitos do Latour com elaborações de outras teóricas ou teóricos. Mas Latour declara, ao ser questionado sobre a influência de Deleuze e Guatari em seu trabalho: “Essa questão das influências é um pouco complicada: nós não sabemos bem o que absorvemos e o que discutimos” (Pereira et al, 2021, p.99).
- 43 Que atire a primeira pedra quem nunca se surpreendeu, relendo um texto, ao perceber que ele influenciou suas próprias ideias muito mais do que imaginado. Mas não há do que se envergonhar, façamos como Manoela Carneiro da Cunha:
- Relendo recentemente um artigo de Terence Turner de 1991, surpreendi-me em vê-lo todo anotado, e descobrir convergências flagrantes com minha reflexão que me levaram a pensar no papel que ele teria desempenhado na gestação do meu próprio texto (CUNHA, 2009, p. 311).
- 44 E o que dizer das vozes apagadas que sequer podem ser reivindicadas?
- 45 Zoe Todd abre seu artigo “An indigenous feminist’s take on the ontological turn: ‘ontology’ is just another word for colonialismo” com uma anedota a respeito de uma palestra que acompanhou de Latour, quando realizava doutorado na Universidade de Aberdeen. Ela esperou ao longo de toda a palestra que Latour fosse dar crédito à concepção Inuit de clima, que guardava muitas semelhanças com a discussão que ele apresentava sobre a crise climática. O mote do seu artigo é a sua frustração de presenciar a miríade de vozes ignoradas, enquanto se celebrava um pensador europeu por “descobrir” o que muitos pensadores indígenas ao redor do mundo dizem há milênios. Seu argumento reivindica para os legados coloniais em curso, lembrando que “academy plays a role in shaping the narratives that erase ongoing colonial violence”.
- 46 Não, esses não são meros detalhes.
- 47 As condições de produção de um pensamento, como bem aprendemos com os trabalhos de Latour, importam.
- 48 *****
- 49 Quando eu fermentava a proposta de escrever esse texto, logo após a sua morte, estive em Paris e aproveitei a ocasião para visitar as instituições nas quais Latour atuou, buscando vestígios materiais do seu legado. Ao visitar o Centre de Sociologie de l’Innovation, vinculado à École des Mines, onde Latour lecionou por mais de duas décadas, eu esperava encontrar um aristocrático escritório ainda preservado, com uma plaquinha dourada com seu nome gravado na porta. Minha surpresa foi não encontrar quase nenhum rastro nos três andares do prédio²⁰ no qual são desenvolvidas as atividades do laboratório, exceto por um papel impresso afixado na porta de um dos escritórios, a única sala na qual havia uma pessoa presente, uma estudante de doutorado trabalhando no período de férias.



Cartaz fixado na porta de um dos escritórios do Centro de Sociologia da Inovação, na École des Mines. Autoria: Marisol Marini.

Parece ser comum encontrar na porta de salas de pesquisadores pôsteres impressos com comentários jocosos sobre a atividade científica e produção de conhecimento. Ao menos nas instituições do norte global às quais visitei havia sempre uma porta divertida. Havia nessa porta dois cartazes. No primeiro encontra-se a imagem de Latour, acompanhada da frase “en train de se faire”, que podemos traduzir como em processo de se fazer.



Detalhe do cartaz fixado na porta de um dos escritórios doo Centro de Sociologia da Inovação, na École des Mines. Autoria: Marison Marini

- 50 A brincadeira parece consistir em tratar o aprendizado científico como uma receita de biscoito. Empréstimo a representação dos erros mais comuns para fazer um biscoito perfeito, comumente encontrada na internet.

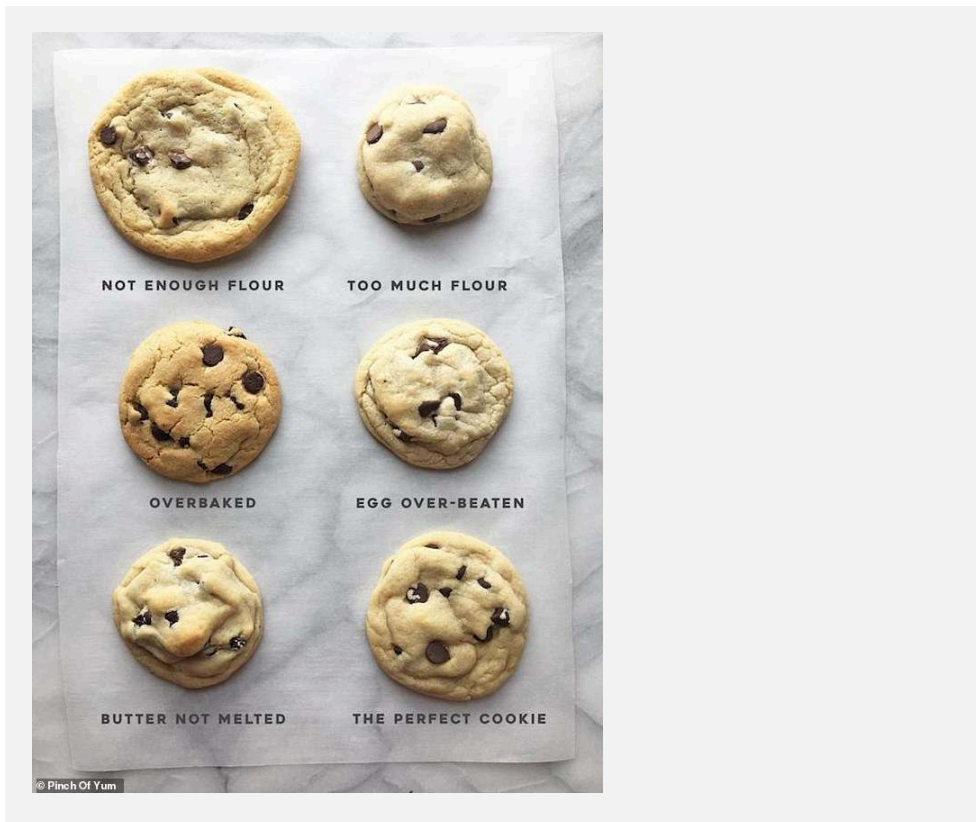


Imagem encontrada na internet, como um guia ilustrativo dos erros comuns a serem evitados para fazer o biscoito perfeito. Há diversas versões e memes. Esta aqui apresentada foi encontrada em: <https://pinchofyum.com/the-best-soft-chocolate-chip-cookies>

- 51 Imagem encontrada na internet, como um guia ilustrativo dos erros comuns a serem evitados para fazer o biscoito perfeito. Há diversas versões e memes. Esta aqui apresentada foi encontrada em:
- 52 Trata-se de um diagnóstico visual que sistematiza os resultados ruins quando se adiciona manteiga gelada, muito fermento, e por aí vai. Há várias versões. Algumas mais detalhadas, outras menos. Na paródia criada por alguma criativa estudante, arrisco sugerir, o biscoito perfeito é substituído pela imagem do Latour.
- 53 Me pergunto se Latour ficaria lisonjeado ou incomodado com esse trocadilho impresso na porta da sala de alunos de pós-graduação. A mim, novamente, impressionou essa ser a única referência à Latour nos 3 andares do prédio do laboratório. Eu esperava encontrar lá um escritório, o local onde Latour teria compartilhado com Michel Callon e Madeleine Akrich a formulação dos fundamentos de um projeto que rendeu frutos e segue sólido mesmo depois de sua desvinculação. O espaço e as pesquisas seguem vivas, independente da atuação de Latour. Um indicativo de que o trabalho coletivo prevaleceu? Mas o que a ausência dessa memória pode indicar? Será que sua “presença discreta” contribuiu para impulsionar sua excepcionalidade? Nem mito, nem herói. Mas o biscoito perfeito? Por aqui temos a curiosa expressão: sentir-se a última bolacha do pacote.
- 54 Uma anedota curiosa. Quando comecei a frequentar reuniões do grupo de pesquisa do laboratório de bioengenharia no qual realizava parte da minha pesquisa, o coordenador do laboratório estava curioso e instigado com a presença de uma pesquisadora da antropologia, intrigado a respeito do método. Numa das situações em que falava sobre o

propósito da minha pesquisa, o professor da engenharia insistia em me perguntar sobre o método, em decifrá-lo a partir do repertório de pesquisa que ele próprio carregava. E ele me perguntou: você acha que podemos ensinar os algoritmos a fazer etnografia? A pergunta me divertiu, e as equívocas permaneceram vivas. Numa outra reunião, um outro professor do mesmo departamento de engenharia mecânica que ensaiava uma parceria com aquele grupo de pesquisa, me ouvindo falar sobre minha pesquisa me contou que havia estado em Paris para um estágio de pós-doutoramento há algum tempo, e lá teve notícias de Bruno Latour. Um trabalho difícil de entender, ele me confessava. Essa foi a primeira e única vez que algum dos interlocutores da minha pesquisa tinham alguma referência que os permita dar algum sentido à minha presença ali.

- 55 Figuras com tamanha legitimidade e reconhecimento são aliados estratégicos. Mas como Latour poderia ter impedido o risco de se tornar protagonista isolado com aura de excepcionalidade? Além de trabalhar por um mundo acadêmico onde isso passasse a ser rechaçado como valor?
- 56 Aqui vão algumas sugestões: política distinta de citação dos pares, esforço de diversificação das interlocuções, trabalho ativo de reconhecimento de vozes distintas, não hegemônicas, de pluralização e multiplicação dos corpos presentes e falantes. Que tal se, ao invés de aceitar todos os convites para falar em todos os lugares sobre as suas próprias agendas de pesquisa e representar as ciências sociais, Latour algumas vezes tivesse indicado colegas para falar “no seu lugar”?
- 57 É tentador, sabemos, não sejamos hipócritas. Quem não se envaidece ao perceber que faz um trabalho relevante? Quem não se alegra e sente que seus esforços se justificam quando tem seus trabalhos lidos? Mas não será uma armadilha?
- 58 O próprio Latour era crítico à historiografia que construía mitos e figuras excepcionais. Seu trabalho nos ajuda a colocar em questão os apagamentos e injustiças epistêmicas. Por exemplo, tecendo críticas à abordagem difusionista que criava gênios, sustentando suas proposições em determinismos técnico e científico, Latour sugere:

Pasteur não tem força para propelar sua vacina mundo afora, nem Diesel seu motor, nem Eastman sua Kodak. Mas isso não é problema para os nossos "difusionistas". Eles simplesmente fazem dos inventores seres tão grandes que têm força de gigante para propelar todas essas coisas! Desproporcionalmente inflados, os grandes homens de ciência são agora gênios de dimensões mitológicas. O que Pasteur e Diesel não podiam fazer, essas novas figuras, também chamadas "Pasteur" e "Diesel", podem. Com essa força fabulosa, é canja para esses Super-homens tornar indiscutíveis os fatos e eficientes as máquinas! (LATOURE, 1987/1997, p.222)

59

Mas será que ser crítico o impediu de cair em tentação?

60 *****

- 61 Já que estou aqui colocando em questão as políticas de citação, gostaria de deixar meus agradecimentos – esses que comumente, na melhor das hipóteses, desprezamos em notas de rodapé – às pessoas que tornaram esse texto possível, e que são, de certa forma, coautoras.²¹
- 62 Registro aqui o meu agradecimento à Joana Cabral de Oliveira, cuja leitura de um primeiro esboço foi fundamental. Seus comentários não só me encorajaram, como me permitiram aprofundar argumentos e traçar melhores estratégias narrativas. Ela me apontou caminhos para formulações que eu estava Tateando, mas não estava

conseguindo consolidar. Te agradeço por ter despertado a **Fúria decolonial** – essa que poderia ser uma imagem conceitual para pensar o Antropoceno – por ter me provocado a encontrar a minha própria voz, por me encorajar a assumir as minhas próprias leituras.

- 63 Devia haver alguma categoria no Lattes para incluir esse tipo especial de colaboração – leituras voluntárias iluminadoras e inspiradoras - um tipo contribuição que, tal qual o trabalho feminino e doméstico na esfera produtiva capitalista, é invisível, mantido às escuras. Ou será que institucionalizá-la acabaria por burocratizar um tipo de contribuição que é tão genuína que sequer se deixa ser domesticada e mensurada?
- 64 Joana Cabral de Oliveira leu duas versões desse texto, que contribuíram para sua forma final. Stelio Marras, inegável especialista da obra de Latour, leu parte parte do texto e contribuiu para o refinamento de algumas ideias. André Bailão leu também uma versão e fez sugestões. Stelio, Andre e Joana, integrantes do grupo de pesquisa do qual faço parte, o LAPOD - Laboratório de Estudos Pós-disciplinares, me ajudaram a navegar a obra de Latour a partir dos seus próprios escritos e leituras da obra do Latour, com as discussões que fazíamos nas reuniões do grupo.²²
- 65 Agradeço André Bailão por me lembrar do trabalho da Zoe Todd, que me ajudou também a criar coragem e me inspirou. Faz toda a diferença poder contar com essas próteses cognitivas, reconhecer-se mente distribuída.
- 66 À Clarissa Reche deixo meu agradecimento pela oportunidade de ir à Paris a convite dela, para um evento de biologia sintética no qual Clarissa, como parte da comissão organizadora, convidou uma ampla audiência, entre outras coisas, a ouvir uma pesquisadora indígena falando sobre sua pesquisa de doutorado desenvolvida na área médica, no instituto do câncer, sobre uma planta que é sagrada para o seu povo. A visita oportuna coincidiu com o período de gestação desse texto. Foi simbólico e divertido buscar rastros materiais nas instituições por qual Latour havia passado. Com Clarissa aprendo sobre o prazer de pensar com, e sou sempre lembrada da importância de reanimar as práticas científicas e resgatar o lúdico para o cotidiano da produção de conhecimento. Seu convite me faz pensar que a alegria de pensar coletivamente é algo que pode nos impelir a concretamente carregar as pessoas com a gente, materialmente trazê-las para perto, para testemunhar e participar das nossas “danças”.
- 67 À Symon Henry, agradeço a oportunidade de me isolar em uma pequena ilha gélida, o que foi pertinente para refletir e escrever sobre isolamento e processos de transformação. Merci à toi!
- 68 Sem o convite das colegas da comissão da revista Ponto Urbe, jamais teria me desafiado a escrever sobre o Latour. Sou grata por terem me encorajado a embarcar num empreendimento que não teria vislumbrado sozinha. O convite chegou até mim pela amiga Juliana Caruso, colega com quem já compartilhei algumas empreitadas acadêmicas – e que me ofereceu assessoria no francês. Uma das pessoas que também ensina que pensar é algo que se pode fazer junto, o que é desafiador e produtivo. Agradeço à Ana Letícia Fiori, também editora da revista, pelo acolhimento e leitura do texto, e pelas coisas bonitas que me falou.
- 69 Assim como Latour, estou bem acompanhada.²³ E penso que Latour poderia estar acompanhado de alguns de nós. Se o presente agradecimento soa excessivamente subjetivo e deslocado, deixo o convite para que você que me lê faça o exercício de olhar para o seu entorno, buscando reconhecer as colaborações que se proliferam e o quanto

elas podem ser tão afetivas quanto intelectuais. E arrisco sugerir que as parcerias de Latour não se limitaram às trocas acadêmicas esvaziadas de subjetividade e afetividade. Latour deve ter tido também sua Joana, seu André, sua Clarissa, sua Juliana. Algo que está camuflado em seus escritos. Não era seu estilo.

- 70 Agradecimentos efusivos ou incorporados ao texto, no entanto, não é o que eu espero que Latour ainda possa ensinar aos seus colegas e pares. Esse é o nosso papel político – meu e das minhas amigas, considerando as (diferentes) posições marginais que ocupamos, considerando as condições específicas e desafiadoras que enfrentamos na produção de conhecimento – de fortalecermos o trabalho umas das outras, pensarmos juntas, encorajarmos umas às outras. Caminharmos juntas para o fortalecimento de nossas vozes, e com isso reivindicar a visibilidade dos nossos “problemas sociais”, fazer reverberar as vozes com as quais lutamos lado a lado, reivindicar que a antropologia brasileira é mais do que a obra do Eduardo Viveiros de Castro (construída em diálogo com diversas pesquisadoras e pesquisadores brasileiros e com os povos com os quais trabalhou), e que nossos trabalhos sejam tomados não como fontes de dados, desprovidos de teoria válida²⁴ – o que pode ter por efeito, como sugere Zoe Todd²⁵, transformar o pensamento indígena em anedotas filosóficas.
- 71 Citar minimamente as fontes, como o Latour faz com o trabalho de Patricia Aquino, que conheceu enquanto esta realizava possivelmente sua pesquisa de doutorado na França, é o mínimo que a política acadêmica exige para que não cometamos plágio. Mas não há mecanismos de contenção de injustiças epistêmicas – exceto pelos dispositivos de constrangimentos morais, que nem sempre são eficazes.
- 72 Latour a cita em uma nota de rodapé no artigo de 1988, “A few steps towards the anthropology of the iconoclastic gesture”. E abre o livro Reflexão sobre o culto moderno dos deuses faticos também com uma referência ao seu trabalho. Tive dificuldades de encontrar informações sobre a pesquisadora na internet, o que já considero um dado revelador. Não sei se ela seguiu carreira acadêmica e o que pode ter acontecido em sua trajetória. Mas me pergunto o que teria acontecido se Latour, além de citá-la, tivesse dado visibilidade ao seu trabalho. E se ao invés de ter aceito todos os convites para falar sobre o próprio trabalho Latour tivesse dedicado tempo para organizar um evento que a envolvesse e promovesse o trabalho dela e de outras pessoas, construindo uma agenda de pesquisa? Além disso, se os dados que ele traz em seu trabalho foram tão importantes pra estruturar seu pensamento, será que essas cosmologias, esses saberes, não mereciam estar na universidade? Será que não ganharíamos e aprenderíamos ouvindo os próprios interlocutores sobre seus saberes e modos de existência que foram inspiradores para Latour construir suas ideias?
- 73 A sugestão para os colegas de Latour, então, é que assumam a responsabilidade das posições de poder que ocupam para abrir espaço para outras vozes, legitimar outras produções de conhecimento, enfrentar a insistência e cumplicidade com práticas coloniais.
- 74 Daí sim, talvez, poderemos nós também, por aqui, acolher o trabalho de Latour como fornecendo ferramentas anticoloniais, como sugeriu Patrice Maniglier, no texto publicado por ocasião da morte de Latour, em sua homenagem.²⁶
- 75 Latour desobriga-se de utilizar termos como capitalismo, mundo industrial, neoliberalismo e colonização e manteve com firmeza paradoxal, como sugere o próprio

- Maniglier, o projeto de compreensão do enigma moderno. É com amor aos modernos e seus feitos que Latour empenha-se em entender a que custo se realiza a modernização.
- 76 Na leitura de Patrice Maniglier, toda a preocupação de Latour até o fim da sua vida teria sido investigar modos de fazer coexistir diferentes realidades. O que nos trabalhos mais recentes ganhou contornos na forma de buscar saber como trazer de volta, aos limites planetários, um certo modo de habitação que tem sido chamado de Modernidade. Desde o Jamais fomos modernos, o esforço de suspender o entendimento da modernidade, tomá-la como pergunta, tinha como pressuposto a descolonização: reverter as ferramentas que os antropólogos usavam para descrever sociedades não-modernas voltando-as para as grandes instituições da própria modernidade – a ciência, a tecnologia, o direito, a política, a religião. Investigar o custo do projeto moderno, para Maniglier, permitiria alcançar a descolonização do modo moderno de pensar.
- 77 Relacionar a obra de Latour forçadamente ao termo descolonização, que não condiz com seu vocabulário, como o faz Maniglier, soa como uma estratégia apelativa de sua parte. Minha sugestão a ele seria confiar na obra de Latour e na sua relevância, sem se preocupar em enquadrá-la no vocabulário corrente, para impedir seu esquecimento. Lamento por sua perda, mas sugiro que aceitá-la será parte do seu processo de luto. Quem sabe então sua percepção de que a morte de Latour foi prematura possa ser transformada.
- 78 Na homenagem que Maniglier fez a Latour, intitulada “Bruno Latour: une mort à contre-temps, une œuvre pour l’avenir”²⁷, o filósofo destaca ser inoportuna sua morte, fora do tempo, pois ocorre no momento em que Latour finalmente recebia a consagração que merecia, sobretudo na França, que o recusava, e quando mais precisávamos dele. Maniglier lamenta, com razão, mesmo aparentemente estando mais preparado do que nós, desavisados, pela forma como foi antecipado sobre sua presença rondando Latour. Mas não há o que temer, sua obra sobreviverá tanto quanto necessário.
- 79 *****
- 80 Por aqui, recentemente, quem saiu em defesa de Latour como um militante político, foi Ivan da Costa Marques, um dos responsáveis pela institucionalização do campo de ECTS no Brasil. No artigo intitulado “Tecnologia, Ciência e Ativismo Militante em Bruno Latour”, o autor sugere que os posicionamentos de Latour são ainda pouco compreendidos nas lutas contra o império, mas apresenta caminhos a serem construídos e trilhados, oferecendo a nós, latinos, armas para combater a colonialidade. Em seu argumento, que se dedica a olhar casos ou situações diversas presente nas proposições de Latour, seu ativismo não é inaugurado pela virada temática, mas sempre esteve presente.²⁸ Marques parece jogar com a polissemia do termo ativismo militante, para sugerir sua obra como uma militância a favor da sua própria teoria, e um aliado político contra a colonialidade. Mas a derivação da militância pelos conceitos para a militância decolonial não é automática.
- 81 As defesas se justificam pelos ataques, algumas vezes advindos de supostos aliados.
- 82 O que é descrito como amor aos modernos por Maniglier, é tomado como evidência de irresponsabilidade por outros. Em *Democracy, Expertise and the Post-Truth Era: An Inquiry into the Contemporary Politics of STS*, Philip Mirowski abre sua reflexão recuperando os destroços do que foi chamado de guerra das ciências, para sugerir certa

responsabilidade de cientistas sociais no atual cenário catastrófico de negacionismo e desconfiança da ciência.²⁹

- 83 Em que medida essas disputas epistemológicas no interior da própria ciência podem ter sido apropriadas como arma para a atual guerra generalizada e desonesta que vivemos para além dos muros das academias, articulada por setores políticos conservadores e anti-democráticos?³⁰ Uma guerra orquestrada por grandes corporações e alguns cientistas, como é o caso da recusa de reconhecimento das mudanças climáticas, manipulado direta e fortemente por atores sociais interessados e que tem uma larga influência na população. E qual a responsabilidade dos cientistas nesse cenário?
- 84 Lidar com essa grave crise a propósito da recepção pública da ciência demanda dos cientistas um empenho na comunicação do conhecimento, e muita responsabilidade. Não se pode ser inocente quando se trata das atitudes políticas em relação à ciência e à epistemologia.
- 85 E não foi justamente em nome dessa responsabilidade que Latour repensou conceitos e projetos? Vejamos o que tem a nos dizer o próprio Latour:

Evidentemente, a solução desenvolvida por mim para as ciências sociais e os estudos das ciências em geral foi fazer uma aposta, quer dizer, quanto mais mostramos a maneira geral como a ciência se produz, mais mergulhamos em controvérsias. Ao fazer isso, as compreendemos e tornamos compreensível ao público como as controvérsias se encerram. Penso que a posição e a aposta talvez devam ser mantidas, por isso eu realizo esse programa de cartografia de controvérsias há 25 anos. Dito isso, essa tarefa não é mais suficiente, porque a dúvida na ciência agora é tanta que não serve para mais nada mostrar como a ciência é feita. Mostrá-la desse modo não garante nada para aqueles que chegam dentro de um outro mundo comum, que agora é distinto. Quando fizemos a cartografia de controvérsias, eu ainda tinha a ideia de que partilhávamos, vagamente, um mundo comum. Quanto mais compreendíamos como as ciências são feitas, mais poderíamos nos reapropriar da qualidade delas. Eu penso que isso é verdade, no interior de um meio como a Sciences Po, ou mesmo no interior de uma sociedade como a Europa de hoje, mas se eu estivesse nos Estados Unidos, acho que a cartografia de controvérsias não serviria para nada. Isso porque as pessoas, naquele país, partiram em direção a outra definição de mundo. Tudo o que é dito, não importa a forma como seja dito pelos experts, é atacado pela dúvida. Essa dúvida não tem nada a ver com uma dúvida epistemológica. Não é uma dúvida de conhecimento, mas uma dúvida de hostilidade ao mundo em que vivemos. Portanto, os métodos pedagógicos não valem senão como a capacidade de termos um mundo comum. Não podemos imaginar pedagogias. Só poderíamos fazê-lo na condição de que as pessoas, os professores, os instrutores, as instituições, os alunos e os pais de alunos compartilhassem, no geral, a ideia de que vamos viver em um mesmo mundo. Se você tem pessoas que votam em Donald Trump e pensam que o debate do clima é uma mentira dos socialistas e de professores de ciência, não há método, não há cartografia de controvérsias, não há debate que permita modificar a situação. É uma situação de guerra, não uma situação de pedagogia. Já saímos da pedagogia (Pereira et al, 2021, p.107-108).

- 86 No editorial da revista Science sobre Bruno Latour, o título e a manchete são: “Bruno Latour, a veteran of the ‘science wars,’ has a new mission. He has long been a thorn in scientists’ sides. Today, Latour wants to help rebuild trust in Science”.³¹ O que está aí subentendido é o entendimento de que em seu trabalho Latour teria tido, em algum momento, a intenção de colocar em risco a confiança no edifício científico. Um desserviço para a tarefa de tentar compor alianças entre ciências. O que dizer da responsabilidade da divulgação científica?

- 87 A guerra das ciências é caracterizada como a reação de alguns cientistas – de áreas “duras” ou formas hegemônicas de ciência – ao trabalho de outros cientistas engajados na compreensão dos processos e atividades científicas. Ao acusar Latour e outros sociólogos de deslegitimar a ciência e comprometer sua confiança, argumentos como os do biólogo Paul Gross e do matemático Norman Levitt, autores de *Higher superstition - The Academic Left and its Quarrels with Science*, permitem entrever o desrespeito e desconsideração às ciências sociais por esses que se entendem como representantes da Ciência, com c maiúsculo. Porque a sociologia da ciência deslegitimaria seu próprio campo de atuação? O que tentam fazer esses cientistas que reivindicam que uma abordagem das ciências sociais está comprometendo a confiança nas ciências é excluir do âmbito das ciências uma forma de conhecimento científico por razões políticas – ou seja, eles faziam o que nos acusavam de fazer: politizar as ciências no sentido mais distorcido possível.
- 88 Um exemplo por aqui dessa postura da guerra das ciências são os frequentes ataques que a bióloga e divulgadora científica brasileira Natália Pasternak faz às terapias alternativas disponíveis no SUS, à psicanálise e outras formas de saber não-hegemônicas. Ao tentar deslegitimar essas formas de conhecimento Pasternak projeta os critérios de objetividade, cientificidade e validação científica próprias de um certo procedimento científico, colocando em questão empreendimentos pautados em outros critérios de eficácia.
- 89 Minha sugestão é que seria mais acurado caracterizar a guerra das ciências como um dispositivo fálico ou repressor de práticas científicas narcísicas incapazes de reconhecer outras práticas eficazes, sistemáticas, pautadas em outros critérios de validação, escalas lógicas e ontológicas. Nesse enquadramento, não se sustenta a acusação de que uma abordagem científica pretende ou tem como resultado a invalidação das práticas científicas. Se as ciências são múltiplas e se é possível pensá-las criticamente para torná-las mais robustas, não há ameaça. E aí podemos focar na guerra na qual estamos sendo massacrados.
- 90 Não se trata de defesa, corporativismo desnecessário, mas entender o trabalho de Latour em seus próprios termos, em suas mutações, reconhecendo suas responsabilidades e limitações.³²
- 91 *****
- 92 Me pergunto o que o Latour acharia da minha estratégia de simetrizar aqui a repercussão pública e acadêmica do seu trabalho. Aos moldes do seu próprio projeto de simetrização, aproximar as manchetes de jornal – o mais incompreendido dos filósofos, veterano das guerras das ciências, pedra no sapato dos cientistas, missão de reconstruir a confiança na ciência, às críticas conceituais e os desdobramentos teóricos que suas proposições ganham em inúmeros trabalhos, explicita a relação entre essas esferas. A repercussão pública do seu trabalho afeta o modo como seus conceitos circulam no âmbito acadêmico. O fato de ter se tornado popular publicamente e de ter, de certa forma, sustentado os termos dessa popularidade, se reflete na sua produção, nas respostas que ele busca construir com seu trabalho, e em sua reputação acadêmica – tanto ameaças à sua reputação, como o estabelecimento de uma certa excepcionalidade em torno do seu nome.
- 93 *****

- 94 Nos últimos anos tenho tentado construir um projeto de pesquisa para investigar o Antropoceno como um problema epistemológico, cosmológico e político sobre a proximidade com o fim. O propósito é enquadrar a temática a partir da investigação de registros mais perenes, uma temporalidade mais fugaz, uma escala temporal distinta. Tomar o problema da finitude e dos processos de aceleração das transformações a partir de micro-geologias. Ou seja, partindo da minha pesquisa com dispositivos de assistência circulatória que estendem a vida de pacientes com insuficiência cardíaca avançada, o interesse é traçar uma relação entre a previsão de aumento das mortes por doenças cardíacas (sobretudo em país mais pobres, há uma desigualdade nas distribuições dessas mortes) por conta das mudanças climáticas, e nesse cenário tomar essas tecnologias médicas criadas para manejar essas vidas, tomando-os como dispositivos também de pensamento, como uma pedagogia para lidar com a iminência da morte, espelhando-os aos dispositivos pedagógicos do Antropoceno. A questão que persigo é: será possível tomar os artefatos médicos e o Antropoceno como dispositivos (materiais e semióticos) para lidar com o fim?
- 95 Dito isso, o segundo pensamento que me tomou em reação à notícia de sua morte foi: como o Latour pôde não elaborar seu adoecimento? ³³Porque não nos preparou para sua morte? Questões que analiticamente podem ser traduzidas como: porque Latour se furtou de tomar o câncer como um objeto de análise, uma escala distinta de fenômeno relacionado ao Antropoceno, tomado-os ambos como um dispositivo de prolongamento da vida que adia e aproxima o fim?
- 96 Não, eu não esperava que Latour expusesse seu sofrimento pessoal. Não se trata da expectativa de expor publicamente um processo íntimo, que cada pessoa tem total direito e liberdade de decidir como enfrentar. Mas coloquei-me a imaginar como Latour teria elaborado o processo de enfrentamento de um câncer, com as tecnologias e dispositivos médicos disponíveis, a ameaça constante da presença da morte, como um dispositivo de pensamento na chave do antropoceno? Será que ele teria fabulado – aos moldes do que fez em “Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)” (Latour, 2006) – um diálogo, agora um tanto epicurista, entre alguém que cultiva a terra e conhece os ciclos naturais e um cientista do clima? Ou um diálogo entre um robô e uma liderança de povos originários?
- 97 Ele poderia ter nos oferecido reflexões valiosas sobre o tratamento do câncer, questionando até que ponto ele opera de maneira homóloga ao Antropoceno como dispositivo para lidar com o fim, com a ameaça da extinção. Não uma abordagem individual ou subjetiva de um processo de adoecimento. Mas antes como dispositivo de pensamento, buscando traçar paralelos com um fenômeno que se desdobra em uma micro escala geológica.
- 98 A frustração por Latour não ter vislumbrado e realizado tal empreendimento investigativo diz mais sobre essa que vos fala, do que do autor em questão. Mas eis então que a Fúria Decolonial me lembra de que há muito o que ser feito. E aí está algo que a obra de Latour nos permite: abrir novos caminhos investigativos.
- 99 *****
- 100 Não acho que seja necessário um chamado para manter seu pensamento vivo, embora o intuito aqui tenha sido, sim, fazer um convite à obra de Latour. E considero que tal chamado inclui também conhecer o que tem sido desenvolvido por aqui e em outros contextos nas temáticas sobre as quais versou a obra de Latour, porque disso depende a

vitalidade de seu pensamento.³⁴ O vigor, argúcia e robustez com que versou sobre temas tão cruciais e desafiadores tornam o pensamento de Latour um tanto incontornável. Por outro lado, acho que sua obra merece não existir mais do que o suficiente. Imagino que ele não quisesse pagar mais do que o preço necessário para que suas contribuições se metamorfoseiem.

- 101 Comparando o trabalho do artífice e o do filósofo, Richard Sennett sugere que a persistência de algo mais duradouro do que artefatos materiais que se decompõem pode implicar um alto custo para o filósofo. Seu argumento remete às divisões persistentes e definitivas na dita civilização ocidental a propósito da superioridade da atividade intelectual sobre o trabalho manual. A própria existência da divisão é o que permite às ideias resistirem mais do que as criações dos artífices. E ainda, essa convicção e esperança de que as ideias possam perdurar, deixa os filósofos felizes, o que não deveria ser o caso. Há limites, no entanto, a propósito do quanto essa distinção esquemática representa certos trabalhos intelectuais. Pois o que dizer de um pensamento aterrado? Intrinsecamente comprometido com a imanência? Emergido das relações materiais?
- 102 *****
- 103 Será que algo imediatamente acontecesse com o pensamento e a obra de alguém que não mais coabita a contemporaneidade? E que efeito terá o tempo no trabalho de Latour?

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. 2009. *Cultura com aspas: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify.
- HARAWAY, Donna. 2000. “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: T. T. Silva (org.), *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- 2016. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.
- LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos - ensaio de antropologia simétrica*. 1ª. Rio de Janeiro: Editora 34.
- 1987/1997. *Ciência em Ação - Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP.
- 2001. *A Esperança de Pandora*. EDUSC.
- 2006. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991), 15(14-15), 339-352. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p339-352>
- 2017/2020. *Onde aterrar? - Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

- . 2021. Onde estou?: lições do confinamento para uso dos terrestres / Tradução Raquel Azevedo. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Bazar do Tempo.
- . 2021b. After Lockdown: A Metamorphosis. Translated by Julie Rose. Cambridge/ Medford: Polity Press.
- LATOURE, B.; WOOLGAR, S. 1979/1997. A vida de laboratório - a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- MARQUES, Ivan da Costa. Tecnologia, Ciência e Ativismo Militante em Bruno Latour. 2022. In: J. Kleba; C. Cruz; C. Alvear; (Org.) Engenharias e outras práticas técnicas engajadas – Vol 3: Diálogos Interdisciplinares e decoloniais - Campina Grande: EDUEPB, 2022.
- MARRAS, S. “O vozerio da pós-verdade e suas ameaças civilizacionais”. In: AMOROSO, M. et al. (Orgs.). Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta. São Paulo: UBU, 2020.
- MARRAS, S. “O mundo desde o fim: desafios expiatórios da modernidade”. In: COUTINHO, F., ALZAMORA, G., ZIL-LER, J. (Orgs.), Dossiê Bruno Latour. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2021, (Coleção Debates Contemporâneos).
- MARRAS, S. . A Herança do Dualismo Modernista Natureza-Sociedade. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 293–315, 2021. DOI: 10.26512/rfmc.v9i3.43075. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/43075>. Acesso em: 8 dez. 2022
- MARTIN, Denise, Spink, Mary Jane e Pereira, Pedro Paulo Gomes. Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2018, v. 22, n. 64 [Acessado 8 Dezembro 2022], pp. 295-305. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0171>>. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0171>.
- MIROWSKI, Richard. Democracy, Expertise and the Post-Truth Era: An Inquiry into the Contemporary Politics of STS. Draft. Abril, 2020 (disponível em: https://www.academia.edu/42682483/Democracy_Expertise_and_the_Post_Truth_Era_An_Inquiry_into_the_Contemporary_Politics_of_STS). Acesso em 8 dez.2022).
- PEREIRA, Débora de Carvalho et al. 2021. Situação de guerra, não de pedagogia. Entrevista com Bruno Latour. Dossiê Bruno Latour. Belo Horizonte: Editora da UFMG (Coleção Debates Contemporâneos).
- SAYES, Edwin. 2014. “Actor-Network Theory and methodology: Just what does it mean to say that nonhumans have agency?”. *Social Studies of Science*, 44(1): 134- 149.
- SENNETT, Richard. 2019. O Artífice. Rio de Janeiro: Record.
- TODD, Zoe. 2016. An Indigenous Feminist's Take On The Ontological Turn: ‘Ontology’ Is Just Another Word For Colonialism. *Journal of Historical Sociology*, 29: 4– 22. doi: 10.1111/johs.12124.
- WOOLGAR, Steve. O fim da cognição? Os estudos de ciência e tecnologia desafiam o conceito de agente cognitivo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1996, v. 2, n. 3 [Acessado 8 Dezembro 2022], pp. 105-133. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59701996000400006>>.

NOTAS

1. O título tem inspiração na música da banda Radiohead intitulada “*No Surprises*”.
2. O que aqui se apresenta como pergunta, havia inicialmente sido formulada como afirmação. Os mortos não reagem. Mas uma primeira leitora, Joana Cabral de Oliveira, me questionou se eu não estaria me referindo aos modernos. A leitura de Ana Letícia Fiori me levantou ainda outros questionamentos, e sugeriu que as reflexões que o presente texto apresenta são evidências do agenciamento de falas e conversas. Achei bonitas e pertinentes as suas provocações, que compartilho aqui. Ana Letícia sugeriu que eu falava com Latour no texto, e ele me respondia. Eu lanço indagações, interpelações, presto contas a ele, quero lhe fazer justiça. Me dirijo a ele. E ele me responde por meio de associações que plantou em mim no contato com sua obra. Ele responde não de maneira concentrada, em uma consciência unívoca que é o centro de uma volição, mas por meio dos textos, dos livros, dos interlocutores, dos próprios modos de pensar. Eu o reencontro no fluxo da escrita. Voltando aos argumentos do próprio texto, Ana Letícia me lembra que na teoria do Latour não faz sentido falar em agência dos não-humanos, porque interessam as imbricações heterogêneas, e com a morte essas imbricações se reconfiguram. Eu falo então com uma pessoa com imbricações nesse grande projeto de aterramento. E mais, sugere Ana Letícia, o trabalho do luto é justamente o de reorganizar as imbricações, algo que o próprio texto procura fazer, em seu trabalho de luto, de cuidado com os ancestrais, com nossos mortos. A morte é só mais uma forma de alteridade, sua frase que ficou ressoando em mim. A autoria que assumo aqui, como já se torna evidente, está emaranhada ao pensamento e reflexões de pessoas companheiras.
3. “De nada adianta se apressar: ainda resta algum tempo para encontrar onde se abrigar” (Latour, 2021, p.5)
4. No Brasil o livro foi intitulado *Onde estou? Lições do confinamento para uso dos terrestres*. Publicado originalmente em janeiro de 2021, *Où suis-je? – Leçons du confinement à l'usage des terrestres* desdobra e desenvolve ideais apresentadas no livro anterior, de 2017: *Où atterrir – comment s'orienter en politique*, que ganhou uma tradução para o português em 2020 intitulada *Onde aterrar? – como se orientar politicamente no Antropoceno*.
5. Não é possível voltar ao já velho humanismo, como formulou Stelio Marras em sua leitura. Estaria emergindo um novo geo-humanismo. Não se trata de jogo já jogado. Eis o que desenha as disputas hoje em voga.
6. Stelio Marras sugeriu uma explicitação do que significa estar aterrado para o Latour que achei pertinente: o aterramento é um projeto, uma política, uma filosofia, um esforço de um trabalho em progresso. Mais do que estar aterrado de uma vez por todas, Latour estava inventando o aterramento.
7. Ainda viria um outro, e agora sim, último livro: publicado em fevereiro de 2022, oito meses antes de sua morte, escrito com Nikolaj Schultz, doutorando dinamarquês no Departamento de Sociologia da Universidade de Copenhagen: “*On the Emergence of an Ecological Class: A Memo*”. Organizado em setenta e seis pontos de discussão, quase como uma lista de tarefas, o livro traz a ecologia para o centro do debate, catalisando e organizando a política em torno do seu eixo. A sugestão é que o movimento ecológico pode ganhar consistência e autonomia, estabelecendo um horizonte político da mesma forma como, por exemplo, o liberalismo e outras ideologias políticas o fizeram, recolocando as noções de classe e luta de classes. Para tanto, sugerem os autores, é preciso que a narrativa política assuma o conflito e o dissenso. Será um livro de quem tem uma certa pressa, uma urgência em pontuar questões fundamentais, amarrar pontas soltas?
8. Caberia uma reflexão mais cuidadosa sobre o que significa caracterizar escritos acadêmicos como criativos, algo que não será possível realizar aqui. Mas deixo alguns questionamentos: será que chamamos de criativo na antropologia ou nas ciências sociais, de maneira mais ampla, abordagens que oferecem perguntas ou caminhos que não estão previamente constituídos? Mas daí, nesse sentido, toda pesquisa não seria criativa? Ou será que chamamos de criativas

abordagens que trazem materiais não usuais? Que constroem comunicação entre materiais cuja aproximação escapa à convenção? Na antropologia, especificamente, disciplina para a qual o exercício comparativo é fundante, tem a ver com comparações não óbvias? Tem a ver com partir e assumir um ponto de vista ausente ou pouco presente nas instituições acadêmicas, como sugere as proposições de Patricia Hill Collins sobre ser uma *outsider within* e reivindicar que sua perspectiva pode oferecer perguntas e respostas que escapou às abordagens tradicionais? E o que dizer das inúmeras acadêmicas que resistem a aderir à linguagem formal, convencional, hegemônica, mas cuja estética e experimentação às vezes é entendida como falta? A criatividade tem a ver com fazer as coisas de maneiras diferentes do que tradicionalmente são feitas no âmbito acadêmico? Ou tem a ver com inovar a partir das ferramentas postas? Por que será que Bruno Latour e Donna Haraway são amplamente reconhecidos como criativos, mas o mesmo não se diz sobre Patricia Hill Collins? Produzir um pensamento criativo ou inovador é a mesma coisa?

9. Reportagens: New York Times, 25 de Outubro de 2018; Le Mond, 09 de Outubro de 2022; The guardian, 10 de Outubro de 2022.

10. Entre vista intitulada “Situação de Guerra, não de pedagogia”, publicada no Dossiê Bruno Latour, organizado por Geane Alzamora, Joana Ziller e Francisco Coutinho. A entrevista foi realizada com base em roteiro elaborado inicialmente por Tiago Salgado, Joana Ziller, Francisco Ângelo Coutinho, Elisa Sampaio de Faria, Fábio Augusto Rodrigues e Silva, Gabriel Menezes Viana, Israel Rocha, Geane Alzamora e Débora Pereira. A este roteiro inicial Eduardo Viana Vargas e Levindo Pereira Junior foram convidados a acrescentar questões, indicadas na entrevista com as iniciais de seus nomes. A tradução foi realizada por Débora Carvalho Pereira e a edição, por Joana Ziller, Francisco Coutinho, Geane Alzamora e Tiago Salgado, com revisão de Débora Pereira, Eduardo Vargas e Levindo Pereira (2021).

11. Com isso não quero sugerir que ele abandonou seus conceitos ou estava sempre alterando seu vocabulário e abordagens. Alguns foram reformulados, repensados, aprimorados. Há um projeto que é desdobrado ao longo da sua trajetória. Alguns conceitos são tornados mais robustos ao longo do seu desenvolvimento. E outros perdem relevância. Mas há uma coerência em seu projeto, o que faz das obras mais antigas ainda atuais e relevantes.

12. Como a qualquer pessoa acadêmica digna do nome, como sugeriu Stelio Marras.

13. O paradigma dualista é um modelo de interpretação da realidade social/cultural resistente e durável na antropologia, como aponta Descola, mas também Haraway, ao olhar para o mundo da produção da tecnociência e da biomedicina. A oposição entre natureza e cultura tem sido criticada e denunciada como um constructo cultural ocidental, muitas das críticas seguem as próprias vias abertas por Lévi-Strauss. A partir dos anos 1980, as abordagens abrigadas sob o guarda-chuva pós-humanista e pós-social, tomam a divisão como objeto em si, para além da crítica de sua persistência nas teorias sociais. E com isso, torna-se possível contornar uma noção de natureza fixa e imutável, sobre a qual se constroem incontáveis visões de mundo culturalmente diferentes. A desnaturalização da divisão e dicotomia entre natureza e cultura é desenvolvido nos estudos sociais da ciência e da tecnologia, nas abordagens feministas à respeito do corpo e da saúde e da própria definição e operacionalização das diferenças de gênero, bem como no âmbito do perspectivismo ameríndio. Recentemente o tratamento dado à essa divisão levantou um alerta. É preciso cautela. E cabe destacar que Latour não sugeria uma crítica simplista ou dissolução definitiva dos dualismos modernos. Para uma discussão aprofundada sobre a problemática da dissolução dessa divisão e suas implicações em temas como Antropoceno, covid-19 e negacionismo a partir da proposição latouriana sugiro o artigo de Stelio Marras, 2021 (<https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/43075>).

14. Para descrições mais detalhadas e aprofundadas da formação e desenvolvimento do campo sugiro o artigo “Estudos sociais em ciência e tecnologia e suas distintas abordagens”, de Adriano Premevida, Fabrício Monteiro Neves e Jalcione Almeida (Sociologias, Porto Alegre, ano 13, no 26, jan./abr. 2011, p. 22-42).

15. O propósito da abordagem de Merton era analisar as normas e valores que constituíam os imperativos morais que fundamentavam uma comunidade científica. A contribuição de Merton estabelecia uma simetria entre a ciência e outras instituições sociais, tornando-se objeto de interesse para os sociólogos. Mas o problema de sua abordagem é dizer pouco a respeito de como as relações sociais afetaram a natureza e conteúdo do conhecimento científico.

16. Dos quatro princípios programáticos do Programa Forte – causalidade, imparcialidade, reflexividade e simetria – o último, que buscava dar equivalência ao científico e ao social foi especialmente desenvolvido por Michel Callon, John Law e Bruno Latour. Ao contrário das abordagens tradicionais influenciadas por Merton, o Programa Forte propôs uma investigação sociológica voltada aos processos sociais de elaboração cognitiva do conhecimento científico, investigando o conteúdo do conhecimento científico, que não estaria livre dos “condicionantes sociais”.

17. A redefinição da noção de agência, como propõe Steve Woolgar (1996), faz com que os conceitos existentes de cognição, sobretudo articulados em torno de uma ciência cognitiva, tornem-se problemáticos, senão irrelevantes para a compreensão da natureza das práticas científicas. Woolgar descreve três modalidades nas quais a noção de agente individual enquanto agente cognitivo tem sido revisada e transformada: situações em que os comportamentos dos agentes não podem ser vistos como decorrentes de estados (sobretudo cognitivos) subjacentes; quando a origem da ação não pode ser equacionada a um agente individual fisicamente delimitado; quando a distribuição de atributos e propensões para agir de certas entidades não corresponde a uma ordem moral preestabelecida a partir das essências, mas é produzida, sustentada e exibida a partir de determinada organização narrativa. A revisão da agência e do entendimento da cognição, não mais atrelada à intenção, ou a implosão de uma racionalidade para além da humana tem implicações e contribuições fundamentais nos estudos multiespécies. Algo que o trabalho de teóricas como Donna Haraway irá se ocupar exaustivamente, o que é expresso em seu manifesto em termos do questionamento “porque os corpos precisam se limitar às fronteiras da pele?” (Haraway, 1991). O interesse no feixe material semiótico que se institui na relação com o mundo e com outros seres é algo que atravessará toda a sua obra, desde a imagem do ciborgue com suas próteses

18. Stelio Marras nos lembra que não há natureza anterior ao laboratório, mas há a garantia constitucional moderna, que distingue o real entre natureza e sociedade. Esse garantia foi o motor da modernidade, sua escala e velocidade. O momento agora seria de desacelerar, mas sem com isso jogar fora simplesmente o recurso metodológico que distingue a exterioridade da natureza e a interioridade da sociedade.

19. Cabe destacar, como venho argumentando até aqui, que os principais conceitos de sua obra foram forjados com diversos colegas, aos quais Latour reconhece. Por exemplo, a genealogia do conceito de tradução desenvolvido por ele e Michel Callon que remete ao trabalho de Michel Serres. Com John Law e Annemarie Mol fermentam juntos proposições sobre multiplicidade ontológica. Mas parece que nem sempre as genealogias ou colaborações são explicitadas. E mais, em seus escritos, os conceitos parecem ganhar uma autonomia em relação à rede de interlocução e colaborações da qual emergiram – o que é uma boa estratégia para construir um lugar de excepcionalidade.

20. Um tanto desinformada e perdida, mas também curiosa para passear pelo prédio, conhecer os corredores por onde Latour possivelmente deve ter sido interrompido por alunos para fazer perguntas, eu perambulei no prédio da École des Mines. Me deparei com um pomposo museu de mineralogia, que me fez lembrar das rochas expostas com muito menos glamour no prédio do Instituto de Geociências onde realizei pós-doutorado na Unicamp. Adentrei uma bonita biblioteca, na qual algumas poucas pessoas trabalhavam em seus computadores. E nada. Nenhum cartaz anunciando alguma homenagem ao Latour, nenhuma placa indicando: “por aqui circulou o professor Bruno Latour”. Então resolvi perguntar à bibliotecária se havia algum escritório,

alguma sala onde Latour costumava trabalhar, porque eu procurava por ele. Ela me olhou surpresa, como se fosse portadora de más notícias, e constrangida me respondeu em um inglês atrapalhado: “Você sabe que ele não trabalhava mais aqui há muitos anos?”. Mas parecia estar implícito na sua resposta: “você sabe que ele morreu?”. Eu sorri com a sua reação, e disse que sabia que ele não trabalhava mais lá, mas que estava procurando rastros dele. Então ela me sugeriu ir ao prédio do laboratório, que deveria ser acessado por fora. Era um anexo ao prédio principal da École de Mines. De um lado, à esquerda, o jardim de Luxemburgo, do outro lado, o prédio do Centre de Sociologie de l’Innovation.

21. Trazer os meus agradecimentos para o coração do texto e explicitar as pessoas que contribuíram para que esse trabalho fosse desenvolvido não diz respeito a um escorregão narcisista. Não se trata de falar sobre mim – ou da rede de colaborações da qual faço parte. O propósito é, inspirada pelo próprio Latour, reinventar o lugar das coisas. Sugiro que tomemos esses agradecimentos deslocado de seu lugar convencional como um modo de comunicar, de experimentar formas de construir ideias, tal qual Latour fez com diagramas, tabelas, desenhos, etc. A problemática da autoria não foi algo que ocupou Latour em seu trabalho, mas o modo como ele experimentou o pensamento pode nos inspirar a fazermos nós mesmas nossas experimentações e arriscar trocar as coisas do seu lugar ou trazer novos elementos para produzir o pensamento.

22. Não poderia deixar de mencionar também a professora Ana Claudia Marques, com quem li A vida de laboratório integralmente na disciplina de graduação em ciências sociais, Leituras de Monografias, na USP.

23. Espero ter conseguido expressar o quanto o trabalho de Latour está sustentando em suas parcerias, o modo como ele deu créditos àqueles que o inspiraram, o fato de ter desenvolvido conceitos que emprestou da obra de diversos trabalhos. O que busquei destacar e colocar em questão, é se ele teria citado e dado valor simétrico a todas e todos aqueles que informaram suas elaborações. Não quero sugerir com isso que Latour elegeu apenas pesquisadores próximos geograficamente para dar créditos, ou somente aqueles que tinham legitimidade em seus campos de atuação – pelo contrário, se considerarmos que eram marginais no campo emergente dos ESCT. Ele citou e deu créditos aos colegas, fez agradecimentos e inclusive dedicou livro a alguns deles, como é o caso de A esperança de Pandora, por exemplo, dedicado à Shirley Strum, Donna Haraway, Steve Glickman e seus babuínos, cyborgs e hienas. Nos agradecimentos introdutórios ao livro Latour agradece aos editores de periódicos e livros que “aceitaram seus escritos bizarros”, e depois por terem autorizado a republicação no livro. Ele ainda adverte os leitores que no livro reduziu as referências às mínimas possíveis “a bem dos leitores sem conhecimento prévio dos estudos científicos”, mas destaca que outras informações e referências podem ser encontradas nas publicações originais. Mais ainda, Latour tece agradecimentos elogiosos aos seus colegas: “Tantas pessoas leram rascunhos de partes do livro que já nem sei bem o que pertence a elas e a mim. Como sempre, Michel Callon e Isabelle Stengers deram orientação essencial. Por trás da máscara de arbitro anônimo, Mario Biagiogli foi decisivo para a forma final da obra. Durante mais de dez anos, beneficiei-me da generosidade de Lindsey Waters como editora – e mais uma vez ela ofereceu abrigo para meu trabalho. Minha maior gratidão, contudo, é para com John Tresch, que burilou o estilo e a lógica do manuscrito” (Latour, 2001, sem página)

24. A crítica ao tratamento dado às etnografias dos pesquisadores da “periferia” da produção de conhecimento - do sul global, poderíamos generalizar - meramente como fonte de dados foi algo que aprendi especialmente em conversas com Juliana Caruso e sua experiência como doutoranda na França.

25. Zoe Todd reivindica que o pensamento indígena não é apenas sobre relações sociais e anedotas filosóficas, não são apenas bons para pensar, poderíamos sugerir. Mas constituem epistemologias e ontologias que representam ordens jurídicas por meio das quais essas pessoas lutam por autodeterminação e soberania. Enquanto essa prática de deslocar o pensamento de

seus modos de existência existir, enquanto o pensamento for instrumentalizado apenas pra produzir metáforas filosóficas, estaremos atualizando os dispositivos coloniais: “The reality is that we are just an invasion or economic policy away from re-colonizing at any moment. So it is important to think, deeply, about how the Ontological Turn – with its breathless ‘realisations’ that animals, the climate water, ‘atmospheres’ and non-human presences like ancestors and spirits are sentient and possess agency, that ‘nature’ and ‘culture’, ‘human’ and ‘animal’ may not be so separate after all – is itself perpetuating the exploitation of indigenous peoples”. (Tood, 2016, p.16)

26. Homenagem publicada aqui: <https://aoc.media/opinion/2022/10/10/bruno-latour-une-mort-a-contre-temps-une-oeuvre-pour-lavenir/>. Integralmente disponível gratuitamente aqui: <https://as.nyu.edu/content/dam/nyu-as/french/documents/Maniglier%20AOC%20Hommage%20Latour.pdf>

27. Algo como “uma morte a contra tempo, uma obra para o futuro”.

28. “Tal como nos hologramas em que se pode ver a imagem do todo em cada uma de suas partes, cada peça da obra de Latour descortina o todo que seu ativismo militante busca orquestrar. Isso porque Latour propõe uma mudança radical no entendimento de como se faz/fez e se acumula/ou o conhecimento moderno. Como já dito, tudo se passa como se Latour houvesse, desde o início, trabalhado em uma cozinha onde só houvesse novos ingredientes para preparar os pratos acabados – os conhecimentos científicos – a serem servidos a exigentes comensais. Como dito, tendo ele sempre estado nessa cozinha, de cuja construção ele participou como um dos principais arquitetos, e dotado de excepcional capacidade inovadora, Latour quase não tem opção a não ser militar ativamente a favor da nova culinária. Isso faz com que se possa destacar peças da obra de Latour quase ao acaso, sem grande temor de não se encontrarem ali exemplos nítidos de seu ativismo militante pelos novos saberes sobre os saberes, especialmente sobre os saberes científicos.” (Marques, 2022, p. 406)

29. Para discutir democracia e expertise no que se convencionou chamar de era da pós-verdade, Mirowski apresenta um diagnóstico que relaciona a atual descrença e destruição da legitimidade científica a um processo interno à própria ciência. O atual cenário, em seu argumento, guarda relações com as cicatrizes deixadas pela Guerra das ciências nos anos 1990. A disputa que começa com alguns poucos cientistas naturais que se empenharam em deslegitimar campos e formações intelectuais “marginais”, processo cunhado como Guerra das ciências, teria se metastasiado como impressão generalizada de que algo deu muito errado com a epistemologia na esfera pública.

30. Para uma discussão robusta a propósito da desconexão entre uma abordagem pós-social e pós-natural das ciências e a pós-verdade sugiro o artigo do Stelio Marras (2020).

31. O editorial foi publicado dia 10 de Outubro de 2017, na seção People & Events, subseção de Scienceinsider (disponível em: <https://www.science.org/content/article/bruno-latour-veteran-science-wars-has-new-mission>).

32. Como bem sugeri Joana Cabral de Oliveira em sua leitura, há uma mudança na postura do Latour nos últimos anos, dada pela sua capacidade de repensar diante de efeitos não previstos de seu trabalho. Por isso, é preciso considerar como cada obra se insere em uma ecologia de pensamentos e discussões, ou seja, está circunscrita a um contexto histórico. Concordamos que ele não produz uma reflexão desaterrada, o que explica as mudanças na postura conceitual e política, buscando oferecer respostas às problemáticas que se colocam à ecologia de ideais em que cada trabalho se insere. Desse modo, não é necessário defesa, mas entender o autor em seus próprios termos.

33. Pensei no neurologista Oliver Sacks, um intelectual também muito reconhecido, de grande repercussão, cujo trabalho nos deixou contribuições valiosas. Quando do anúncio do seu câncer terminal Sacks escreveu artigos para o The New York Times, que foram depois compilados em livro, no qual refletiu sobre seu processo de estar “face to face with dying”. A perspectiva que a morte iminente lhe trouxe foi convertida e nos rendeu reflexões sobre a finitude da vida,

oferecendo ferramentas sobre como lidar com a proximidade com o fim. Sendo uma voz da ciência e da biomedicina, suas reflexões filosóficas representam um alerta fundamental para as dificuldades de lidar com a finitude. Ou ainda, o filósofo Jean-Luc Nancy que nos brindou com análises filosóficas robustas, sensíveis e provocativas a respeito do seu transplante de coração, fazendo disso um grande objeto do pensamento. Sua análise fenomenológica a propósito do próprio processo possibilitou formulações sobre identidade, partindo da metáfora da necessidade da diminuição da resistência imunológica para o processo de reconhecimento da presença do outro em si, permitindo a existência do próprio sujeito.

34. Gostaria de ter oferecido um mapeamento desses trabalhos, alguns dos quais referenciados aqui, mas faltou fôlego e tempo para tanto.

AUTOR

MARISOL MARINI

Marisol Marini é mestra e doutora em Antropologia Social pela USP. Desenvolve pesquisa de pós-doutorado na McGill University. Department of Social Studies of Medicine. Faculty of Medicine and Health Sciences. Montréal, Canada.

E-mail: marisolmmarini@gmail.com